

A obscura face do bem e o límpido rosto do mal **Uma análise do filme "Batman: O Cavaleiro das Trevas"**

por Paulo Eduardo A. Freitas

É impossível acabar de assistir o mais recente filme sobre Batman, o "Cavaleiro das Trevas", e não ter milhares de pensamentos fervilhando em sua mente. É um filme intrigante e brilhante, que faz o telespectador mergulhar em seu próprio mundo de emoções e questionamentos.

Os demais filmes sobre Batman demonstram apenas uma parcela de quem é o guerreiro mascarado. Este, porém foi muito além, não se preocupou apenas com o caráter do herói, mas com a existência de toda Gotham City. Trinta milhões de pessoas, esse é o número, imaginário, assim como a cidade, mas real, como os sentimentos repassados no longa metragem.

São três os personagens principais:

O vilão, que possui uma maldade inigualável, e que por isso também é irreduzível, seu nome é "Coringa", uma personalidade desconhecida e obscura, com nome fictício, sem documentos ou digital, que não se importa com o dinheiro, mas sim com o crime. Seu único prazer é a maldade e sua propagação.

Ele não tem medo de mostrar seu rosto deformado. O mal não usa máscaras, pois o que mais deseja é que todos sintam medo de si. A mídia estampa continuamente horríveis notícias de pessoas assim, os piores geralmente são a capa dos tablóides e revistas, são odiados e temidos.

Outro personagem intrigante é o político Harvey Dent, um homem que busca a melhoria de Gotham, a destruição da corrupção e da criminalidade, alguém que busca a bondade. Mas que sofre um sério acidente, e tem a metade de seu rosto deformada, nesse mesmo incidente perde a pessoa que ama. Harvey se torna o vilão "Duas Caras", indicando seu interesse pelas pessoas que agora é suprimido por seu ódio e sede de vingança. O bem e o mal atuam em um mesmo homem.

O personagem que dá nome à trama é alguém que se esconde atrás de uma máscara. E se precipita na noite em busca do mal, não para co-participar, mas para detê-lo. Seu nome é "Batman", ou seria Bruce Wayne? Não! Neste filme fica claro o desejo do herói de destruir seu alterego, se possível para o cavaleiro noturno, o milionário Wayne, deixaria de existir e ele jamais tiraria sua armadura negra. Seu instinto de justiça, sua sede de vingança. "Ser o que precisa ser", esse é seu lema. A máscara não o protege, ela apenas o faz ser quem ele realmente é.

O bem muitas vezes se esconde para que muitos possam viver melhor. A preocupação de um benfeitor não é com suas obras, e sim com aqueles a quem beneficia. Seria até capaz de dizer que o viver "mascarado" é melhor que viver a mostra. A explicação está no fato de que nem sempre a máscara esconde o verdadeiro ser, mas o demonstra. Aquilo que realmente somos que

transparece nossas vontades mais profundas sem a preocupação de que meu eu está sendo destruído, pois o eu que sou é o que sou.

Batman sem máscara, não existe, na verdade sua roupa não é seu disfarce, Bruce Wayne o é. Ele não é um mero homem, ele é o "Cavaleiro das Trevas". Diferentemente dos outros dois, Coringa e Harvey, ele é o ideal, ele é incorruptível.

Entre rostos descobertos que maquinam o mal, e pessoas com mascaras de palhaços que não passam de reféns, percebe-se que muitas vezes as aparências enganam. E se formos meros observadores não perceberemos onde está a verdade ou o verdadeiro. As pessoas não são totalmente podres, há uma face de bem, não são totalmente boas, pois há um resquício de maldade, porém pode se descobrir que há algo além da seca justiça e da ética, há como ser melhor. E nos revestirmos do que realmente somos e ignorarmos a nudez do mal que há em cada um de nós.

A trama reporta a capacidade de dar outra chance, e ao mesmo tempo não ser ingênuo em confiar totalmente nem mesmo naquela que parece ser a melhor pessoa. O que apresenta é que todos temos duas faces, mas somos nós mesmos que escolhemos com qual iremos aparecer e com qual iremos viver. Batman aparece com a cara de foragido, mas ele é o herói, ou como disse o comissário Gordon, mais do que um herói ele é "um protetor cuidadoso", "sigiloso", "ele é o Cavaleiro das Trevas".

No fim, o que importa, não é se estamos nas trevas, mas o que somos nas trevas.

Paulo Eduardo Alves de Freitas é teólogo, formado no Seminário Evangélico da Igreja de Deus (2007), é ainda Secretário de Registro Acadêmico na mesma instituição. Professor de disciplinas nas áreas de teologia sistemática e Novo Testamento.